

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA

IZABELLE COSTA DE SANTANA
RAIANY JARDIELLY SILVA DE CARVALHO
TALLYHTA CAROLINE A. D. NASCIMENTO DE CASTRO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UTILIZAÇÃO DO
LÚDICO COMO FERRAMENTA INCLUSIVA PARA
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

RECIFE/2025

IZABELLE COSTA DE SANTANA
RAIANY JARDIELLY SILVA DE CARVALHO
TALLYHTA CAROLINE A. D. NASCIMENTO DE CASTRO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UTILIZAÇÃO DO
LÚDICO COMO FERRAMENTA INCLUSIVA PARA
ALUNOS COM TRASNITORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Educação Física.

Professor Orientador: Prof.^a Me. Juan Carlos Freire.

RECIFE/2025

IZABELLE COSTA DE SANTANA
RAIANY JARDIELLY SILVA DE CARVALHO
TALLYHTA CAROLINE A. D. NASCIMENTO DE CASTRO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UTILIZAÇÃO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA INCLUSIVA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Educação Física, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Orientador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Recife, ____/____/____

NOTA: _____

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. <i>Aluno Com Transtorno Do Espectro Autista e As Dificuldades Na Educação Física Escolar</i>	10
2.2. <i>Estratégias Nas Aulas De Educação Física Para Alunos TEA Do Ensino Infantil</i>	12
2.3. <i>A Ludicidade como Ferramenta de Inclusão na Educação Infantil .</i>	13
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
<i>Figura 1: Fluxograma de busca dos trabalhos</i>	15
<i>Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.</i>	16
4.1. <i>Os Desafios Dos Professores De Educação Física Na Inclusão Escolar</i>	17
4.2. <i>O Papel Da Ludicidade No Desenvolvimento Integral Das Crianças Com TEA.....</i>	19
4.3. <i>Estratégias De Ensino, Métodos Pedagógicos Na Educação Física e a Participação Da Família</i>	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6. REFERÊNCIAS	22

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UTILIZAÇÃO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA INCLUSIVA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Izabelle Costa de Santana

Raiany Jardielly Silva de Carvalho

Tallytha Caroline A. D. Nascimento de Castro

Juan Carlos Freire¹

Resumo: Este estudo enfatiza a importância do uso das atividades lúdicas como ferramentas para promover a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação física escolar durante a prática Pedagógica de Educação Física na escola. As atividades coletivas ou individuais devem ser o alvo principal da educação física inclusiva, envolvendo cada criança e atendendo às suas necessidades individualizadas em um ambiente de apoio. Assim, o presente estudo visa examinar como a educação física adaptada, utilizando abordagens lúdicas, pode promover a inclusão e o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em ambientes escolares. Para tal, será conduzida uma Revisão Narrativa para incluir as evidências existentes, apontando os benefícios dos exercícios adaptados, nas aulas de Educação Física para alunos TEA. Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca pelo acesso on-line nas bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SCIELO) e Google Acadêmico, com estudos publicados entre os anos de 2019 a 2024. Esse trabalho teve como objetivo analisar, descrever as práticas pedagógicas do professor de educação física, no ensino regular e seu trabalho referente à inclusão de crianças com autismo. Assim, espera-se que a utilização do lúdico, nas práticas das aulas de Educação Física seja eficiente para a inclusão de crianças neurodiversas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Lúdico; TEA.

¹ Mestre em Biodinâmica do Movimento Humano. Docente do Centro Universitário Brasileiro. E-mail: juan.carlos@grupounibra.com

1. INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem evoluído significativamente, mas ainda apresenta desafios aos educadores, especialmente no campo da educação inclusiva. Nesse contexto, torna-se fundamental analisar o papel dos professores no processo de ensino e aprendizagem, bem como os recursos disponíveis para promover a inclusão, conforme orientações do Ministério da Educação (Brasil, 2018). De acordo com o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023), aproximadamente uma em cada 36 crianças foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com base em dados da Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências do Desenvolvimento (ADDM) do CDC.

No Brasil, as estimativas sobre a prevalência do TEA utilizam o CDC como referência, pois ainda não há levantamentos nacionais consolidados. Segundo Tokarnia (2019), a inclusão escolar tem se expandido e os dados apontam que um número crescente de estudantes com deficiência está inserido no ensino regular. O Ministério da Educação informou que, até o primeiro semestre de 2024, as matrículas na educação inclusiva ultrapassaram 1,7 milhão, sendo que cerca de 62,9% desses alunos estão no ensino fundamental (Brasil, 2024).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) relatou que, em 2023, 294.394 alunos com autismo frequentaram escolas regulares, representando um aumento de 33,2% em relação aos anos anteriores. Além disso, verificou-se um crescimento na inclusão em classes regulares, passando de 87,1% para 92,1%. Apesar dos avanços, o Ministério da Educação reconhece que ainda há desafios a serem enfrentados na educação inclusiva, principalmente no que diz respeito ao TEA. Estima-se que aproximadamente 70 milhões de pessoas no mundo precisem de suporte para inclusão, sendo cerca de 2 milhões no Brasil (Brasil, 2023).

Apesar dos avanços no debate sobre inclusão, ainda existem barreiras significativas para a participação efetiva de alunos com TEA nas aulas de Educação Física. Estudos evidenciam que a ausência de estratégias adaptativas e ambientes inclusivos compromete o desenvolvimento e a interação desses estudantes. No entanto, intervenções pedagógicas fundamentadas em atividades lúdicas, com ênfase na cooperação e no respeito às singularidades, têm se mostrado eficazes na promoção da inclusão (Fiorini & Manzini, 2021; Oliveira & Strohschein, 2019).

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física requer uma prática pedagógica sensível às suas especificidades, o que demanda ambientes de aprendizagem planejados que incentivem a interação e a participação conjunta. De acordo com Chicon et al. (2016), é essencial que o professor organize o espaço-tempo das atividades de forma a envolver alunos com e sem deficiência, respeitando suas necessidades e potencializando suas habilidades. O uso de propostas lúdicas tem se mostrado eficaz nesse processo, especialmente quando envolve jogos, brincadeiras e elementos de interesse dos alunos com TEA, como destaca Oliveira e Strohschoen (2019), ao apontar a ludicidade como caminho potente para promover o pertencimento e o desenvolvimento infantil.

O ensino de habilidades motoras adaptadas à faixa etária e à condição de cada aluno é uma estratégia importante para facilitar a integração desses estudantes. Segundo Chicon et al. (2016), ao valorizar as áreas fortes das crianças com TEA, como o interesse por determinados objetos ou movimentos, o professor pode planejar experiências corporais que estimulem sua participação nas aulas. Essa abordagem contribui para que o aluno com autismo possa aprender e se desenvolver, considerando suas singularidades no processo educativo.

Para que práticas inclusivas se tornem efetivas no cotidiano escolar, é imprescindível a construção de ambientes socioeducacionais diversos e acolhedores. Garozzi, Chicon e Sá (2021) enfatizam que o sucesso da inclusão passa pela escuta ativa dos alunos e pela formação docente contínua, capaz de subsidiar o professor com estratégias pedagógicas inclusivas. Esses autores defendem que todos os alunos, com ou sem deficiência, devem ser considerados no planejamento das aulas de Educação Física, numa perspectiva que promova a equidade no acesso ao conhecimento e à cultura corporal do movimento.

O TEA, segundo Oliveira e Strohschoen (2019), é um transtorno de natureza complexa que afeta diversas dimensões do desenvolvimento infantil, incluindo a comunicação, a interação social e o comportamento. Justamente por essas particularidades, é necessário que o educador compreenda o autismo como um espectro, em que cada criança apresenta um conjunto único de características. A partir dessa concepção, a prática pedagógica inclusiva deixa de buscar uniformidade e passa a valorizar a diversidade como elemento enriquecedor do processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, a justificativa para este estudo reside na necessidade de desenvolver e implementar programas de atividades físicas nas aulas regulares da Educação Infantil que atendam às especificidades das crianças com TEA. Muitas delas apresentam dificuldades cognitivas, sociais e comportamentais que podem comprometer sua participação plena nas atividades escolares. Portanto, é fundamental que sejam criadas estratégias que permitam a participação equitativa desses alunos junto a seus colegas neurotípicos. Além disso, dificuldades relacionadas à coordenação motora fina e grossa, equilíbrio, flexibilidade e velocidade são aspectos que devem guiar a atuação do professor de Educação Física.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo principal examinar como a educação física adaptada, por meio de abordagens lúdicas, pode promover a inclusão e o desenvolvimento de crianças com TEA em ambientes escolares. Para alcançar esse propósito, propõem-se os seguintes objetivos específicos: descrever as características do TEA e as dificuldades enfrentadas na educação física escolar; identificar estratégias lúdicas utilizadas na Educação Física para atender alunos com TEA; avaliar a eficácia da ludoterapia na promoção de atividades físicas e no desenvolvimento das habilidades motoras de crianças autistas e analisar como as abordagens lúdicas contribuem para a inclusão desses alunos nas atividades físicas escolares.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Aluno Com Transtorno Do Espectro Autista e As Dificuldades No Educação Física Escolar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é “uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de distúrbio de desenvolvimento”. Segundo a World Health Organization (WHO), o que se sabe, é que o autismo não é uma doença, mas sim, uma síndrome, que em geral, pode ser caracterizada, por comportamentos sistemáticos por parte das crianças que a apresentam (WHO, 2023).

O TEA impacta significativamente a maneira como a criança percebe, se comunica e se relaciona com o mundo. Diante disso, é essencial que tanto o educação física escolar quanto o familiar estejam comprometidos com práticas inclusivas que

favoreçam a socialização e o desenvolvimento integral. Quando essa articulação não acontece, surgem barreiras que dificultam a participação ativa da criança nas experiências sociais e educativas. Como mostram Caetano e Gomes (2021), intervenções lúdicas bem planejadas nas aulas de Educação Física possibilitam que crianças com TEA criem vínculos com os colegas, desenvolvam formas alternativas de comunicação e se sintam pertencentes ao grupo, superando resistências iniciais.

Muitas das alterações apresentadas por autistas ocorrem em razão da falta de reciprocidade e compreensão na comunicação, afetando, além da parte verbal, as condutas simbólicas que dão significado às interpretações das circunstâncias socialmente vividas, dos sinais sociais e das emoções nas relações interpessoais (Gehricke et al., 2020)

No contexto das políticas públicas, os marcos legais da educação inclusiva no Brasil reforçam o direito de todas as crianças à aprendizagem em ambientes escolares comuns. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764/2012) são exemplos de normativas que orientam os sistemas de ensino a eliminar barreiras e garantir a equidade no acesso ao conhecimento.

No entanto, como alertam Chicon et al. (2016), ainda existem lacunas na implementação dessas políticas, principalmente no que se refere à formação docente, adequação dos espaços e desenvolvimento de estratégias pedagógicas específicas. A escola, portanto, precisa ser pensada como um espaço de pertencimento, onde cada aluno, com ou sem deficiência, seja acolhido em sua totalidade e estimulado a participar ativamente do processo educativo (Garozzi; Chicon; Sá, 2021).

Os direitos dos autistas foram direcionados pela Lei 12.764/2012, que determina que os diagnosticados com esse transtorno têm seus direitos assegurados pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, que abrange modalidades diversas de deficiência (Brasil, 2012). Os direitos das pessoas com TEA é apontado também no artigo 3º da Lei da Política Nacional do TEA:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: I – a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; II – a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; III – o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no

diagnóstico e no tratamento; IV – o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social. Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado (Brasil, 2012).

2.2. Estratégias Nas Aulas De Educação Física Para Alunos TEA Do Ensino Infantil

Faz-se importante que a Educação Física escolar possibilite vivências lúdicas integradas às aulas de Educação Física, como o uso de brinquedotecas, onde brinquedos, materiais esportivos e objetos variados sejam explorados em circuitos com desafios. Essas práticas favorecem o desenvolvimento motor, sensorial e cognitivo de crianças com TEA, além de promoverem a interação social e o engajamento nas atividades escolares. O uso de recursos visuais e materiais manipuláveis amplia as formas de comunicação e contribui para uma participação mais efetiva nas práticas corporais, fortalecendo o processo de inclusão (Oliveira; Strohschoen, 2019).

Assim, Fiorini e Manzini (2021), destacam que oferecer a criança autista mais oportunidades de interação e comunicação está dentro das técnicas de terapia ocupacional, com o propósito de avaliar as necessidades sensoriais do autista e sugerir equipamentos e acessórios para atividades que atendam às necessidades individuais da criança.

Oliveira e Strohschoen (2019) e Fiorini e Manzini (2016) ressaltam que os brinquedos têm um papel fundamental no processo de inclusão e desenvolvimento de crianças com TEA, especialmente quando utilizados de maneira intencional em práticas pedagógicas. Através das brincadeiras, essas crianças podem se expressar livremente, explorar seus interesses, desenvolver a imaginação e manifestar emoções, tudo isso respeitando seu próprio tempo e ritmo. O ato de brincar torna-se, assim, uma ferramenta de mediação entre a criança e o mundo, possibilitando experiências significativas de interação e aprendizagem.

A questão da educação inclusiva, no começo do século XX, teve maior abordagem, contudo, ainda é muito contaminada pelo estigma do julgamento social. Dentre todas as dificuldades que crianças com necessidades especiais encontram, uma das maiores críticas é a sua entrada e permanência na Educação Física escolar

(Fiorini e Manzini, 2021). Na abordagem pedagógica do professor diante de crianças com autismo, torna-se imprescindível considerar a diferenciação no planejamento das atividades em Educação Física. Essa diferenciação deve priorizar o desenvolvimento integral da criança, respeitando suas particularidades e evitando confundir o espaço escolar com o terapêutico.

Oliveira e Strohschoen (2019) afirmam que, o professor de Educação Física tem papel fundamental na mediação das práticas corporais, sendo necessário adaptar as propostas pedagógicas às necessidades dos alunos com TEA, promovendo a inclusão de maneira sensível e planejada. As práticas pedagógicas voltadas às crianças com autismo devem se basear em estratégias que favoreçam a comunicação, a interação e o desenvolvimento de habilidades motoras e sociais.

Segundo Haghighi et al. (2023), os métodos como ABA (Applied Behavior Analysis), TEACCH (treatment and education of autistic and related communication handicapped) – tratamento e ensino de crianças autistas e outras dificuldades de comunicação relacionadas; Pecs (picture exchange communication system) - sistema de comunicação alternativa para aqueles que não falam; Floortime (na tradução literal, “tempo no chão”, ou hora de ficar no chão); Sonrise (defende um ambiente com menos distrações), mostram-se eficazes na estruturação do ensino para alunos com TEA, por valorizarem a clareza das rotinas e a previsibilidade das atividades. De forma complementar, Chicon et al. (2016) destacam que, no contexto da Educação Física, abordagens que consideram os interesses da criança e utilizam recursos visuais contribuem para maior engajamento, facilitando a inclusão nas práticas corporais.

2.3. A Ludicidade como Ferramenta de Inclusão na Educação Infantil

A ludicidade desempenha papel essencial no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência. Como destacam Caetano e Gomes (2021), as atividades lúdicas promovem a socialização e o desenvolvimento de múltiplas habilidades, ao mesmo tempo em que respeitam os ritmos e os modos de ser da criança com TEA. Ao incorporar jogos e brincadeiras no contexto escolar, os professores ampliam as possibilidades de participação e expressão, favorecendo a inclusão por meio da corporeidade e da vivência prazerosa.

A inserção do lúdico nas aulas de Educação Física não representa um retrocesso, mas sim uma atualização pedagógica necessária à inclusão. De acordo com Oliveira

e Strohschoen (2019), práticas que utilizam elementos lúdicos contribuem para a construção de vínculos afetivos e para o fortalecimento da autonomia dos estudantes. Para tanto, é fundamental que o educador esteja atento às experiências prévias dos alunos e promova um ambiente acolhedor, que estimule a experimentação e o aprendizado significativo.

Garozzi, Chicon e Sá (2021) ressaltam que o trabalho com crianças com deficiência requer um olhar sensível sobre o potencial educativo das brincadeiras. As atividades cantadas, por exemplo, estimulam a comunicação, o ritmo e a coordenação motora, sendo valiosas ferramentas pedagógicas. Além disso, essas práticas permitem a construção de uma identidade cultural comum entre os alunos, aproximando-os da diversidade presente na Educação Física escolar.

Por fim, o brincar é reconhecido como um recurso pedagógico potente na Educação Infantil, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, social e comunicativo das crianças. Segundo Aguiar e Guisso (2020), “associado ao educar, o brincar oferece grande eficácia para a assimilação de informações, dados e conteúdos”. Essa eficácia está relacionada à forma natural como as crianças se expressam e aprendem por meio da brincadeira, tornando o ambiente educativo mais dinâmico, inclusivo e significativo para o processo de ensino-aprendizagem.

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para o delineamento da pesquisa, optou-se pela Revisão da Literatura do tipo Narrativa, na qual, segundo Cordeiro et al., (2007), trata do mapeamento do conhecimento sobre uma questão de forma ampliada, sem apresentar explícitos critérios claros na formulação textual para o estudo.

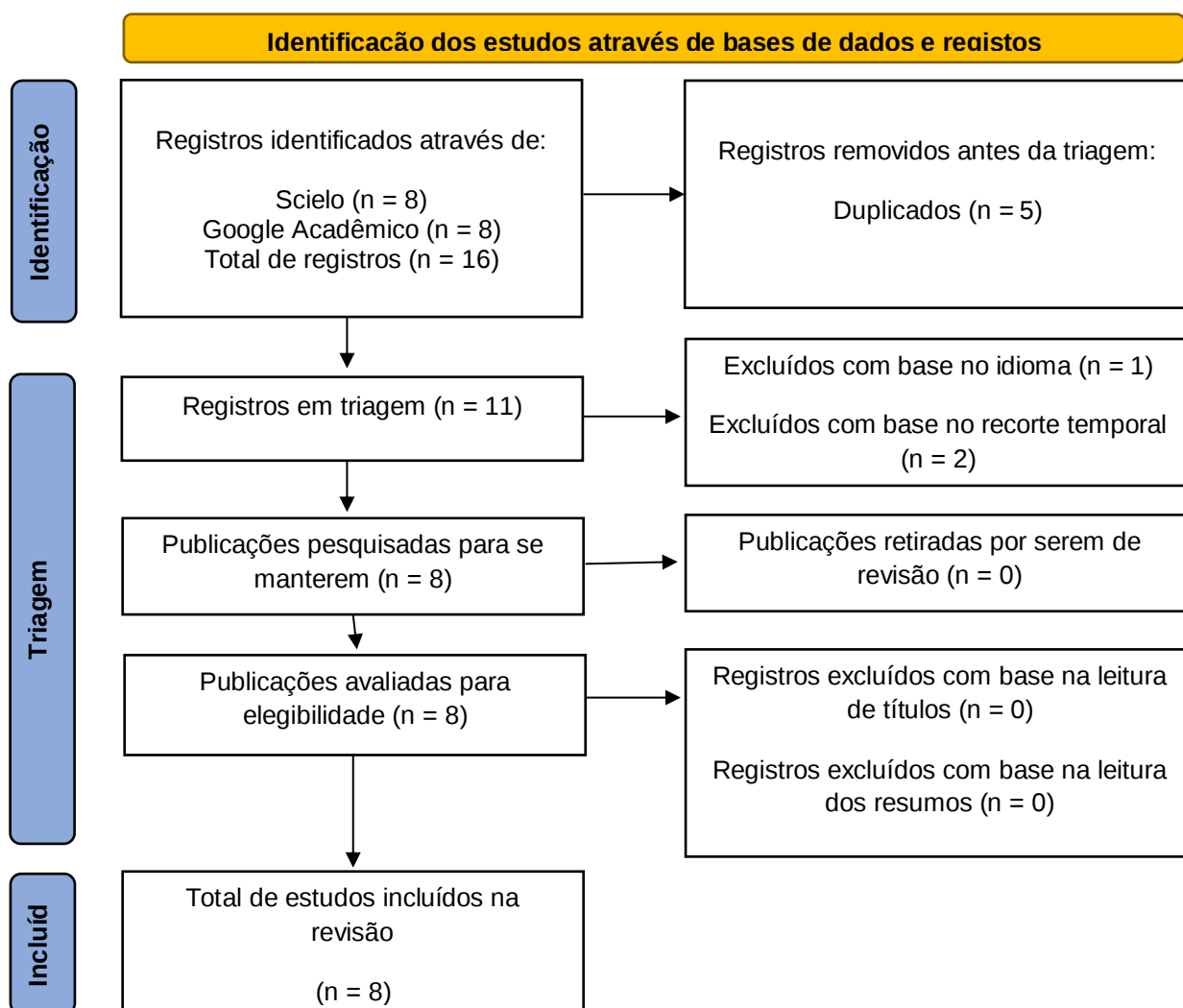
De acordo com Lakatos e Marconi (1992), uma Revisão Narrativa da Literatura é a listagem e recolhimento de toda literatura já publicada, seja ela em forma de livros, revistas, imprensa escrita ou publicações avulsas, sendo um estudo de natureza bibliográfica, de caráter descritivo. Os dados da pesquisa serão levantados no período de setembro de 2024 até 2025, na qual consistiu na análise de publicações originais sobre as estratégias da Educação Física no âmbito escolar para alunos TEA no Ensino Infantil, permitindo a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilitando conclusões gerais a respeito dessa área em particular.

Às bases de dados selecionadas foram: Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os seguintes descritores padronizados em Ciências da Saúde (DECS): “Educação Inclusiva”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Ludicidade” e “Educação Física”.

Após a escolha das bases de dados, esta pesquisa estabeleceu critérios para a seleção das produções acadêmicas utilizadas, sendo esses trabalhos escolhidos a partir de: afinidade com o objetivo desta pesquisa; publicações dos últimos cinco anos; desenhos do tipo ensaio; ser um artigo original ou relato de caso com evidências científicas; responder à questão norteadora; estar disponível eletronicamente em texto completo; ter sido publicado dentro do período estabelecido e nos idiomas inglês ou português. Contudo, não foram selecionados estudos considerados como revisões sistemáticas, teses, dissertações e aqueles indisponíveis na íntegra.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1: Fluxograma de busca dos trabalhos



Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Aguiar & Guisso (2020)	Analisar a importância do lúdico no ensino-aprendizagem da Educação Infantil.	Estudo de caso	Crianças da Educação Infantil	Observação de práticas lúdicas	O lúdico contribui significativamente para a aprendizagem.
Chicon, J. F.; Rocha, J. P.; Rodrigues, L. M.; Sá, M. G. C. S.; Estevão, A. (2016)	Descrever e analisar a organização de ambientes de aprendizagem que possibilitem a interação de alunos com e sem deficiência/transtorno global do desenvolvimento (autismo) no mesmo espaço-tempo de intervenção.	Estudo de caso	Crianças com e sem deficiência, incluindo 7 com autismo, de 5 a 7 anos	Organização de ambientes de aprendizagem com foco na ginástica e ludicidade	A organização de ambientes de aprendizagem planejados para envolver a participação conjunta dos alunos, com o lúdico como pano de fundo, favoreceu a interação física e social entre os alunos com e sem deficiência.
Caetano, U. S.; Gomes, M. O. (2021)	Analisar as possibilidades e dificuldades de interação e comunicação por meio de intervenções lúdicas inclusivas em aulas de Educação Física na pré-escola com crianças autistas.	Estudo qualitativo com observação participante	Três crianças com TEA em turmas de pré-escola de uma instituição pública municipal em Santos/SP	Intervenções lúdicas durante as aulas de Educação Física	As intervenções lúdicas promoveram a aproximação entre as crianças, incentivando a percepção mútua e a motivação para brincarem juntas, contribuindo para a inclusão e interação social.
Fiorini & Manzini (2021)	Investigar estratégias para participação de alunos com TEA na Educação Física.	Estudo de intervenção	Crianças com TEA	Aplicação de estratégias adaptativas	Adaptações melhoram a inclusão na Educação Física.
Garozzi, G. V.; Chicon, J. F.; Sá, M.	Analisar a produção científica sobre Educação Física escolar e inclusão	Pesquisa bibliográfica qualitativa	Artigos das revistas <i>Movimento</i> , <i>Pensar a</i>	Levantamento e análise de estudos sobre inclusão na	Apontam pessimismo de professores por falta de formação, destacam a

G. C. S. (2021)	em periódicos nacionais entre 2008 e 2018.	(análise de conteúdo)	<i>Prática e RBC do Esporte</i>	Educação Física	importância da escuta dos alunos com deficiência e a necessidade de ambientes inclusivos.
Gehricke et al. (2020)	Comparar níveis de atividade física entre crianças com TEA e a população geral.	Estudo comparativo	Crianças e adolescentes com TEA	Avaliação de taxas de atividade física	Crianças com TEA têm níveis mais baixos de atividade física.
Haghighi et al. (2023)	Examinar os efeitos do treinamento físico em crianças autistas.	Estudo experimental	Crianças com TEA	Treinamento físico combinado	Melhorias no condicionamento físico, comportamento e habilidades sociais.
Oliveira, A. M. de; Strohschoen, A. A. G. (2019)	Utilizar a ludicidade para inclusão de aluno com TEA no Ensino Fundamental.	Estudo qualitativo	Turma do 3º ano do Ensino Fundamental com 18 alunos	Implementação de atividades lúdicas utilizando materiais recicláveis	A ludicidade, por meio de atividades com materiais recicláveis, favoreceu a inclusão e participação ativa de alunos com TEA nas atividades escolares.

4.1. Os Desafios Dos Professores De Educação Física Na Inclusão Escolar

O processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física vai além da simples adaptação das atividades; ele envolve a transformação da educação física escolar de forma a atender às necessidades específicas de cada aluno. Embora as políticas educacionais, como a Lei 12.764/2012, garantam os direitos dos indivíduos com TEA, na prática, muitos desafios surgem em relação à implementação efetiva dessas políticas, principalmente nas aulas de Educação Física. A dificuldade em engajar alunos com TEA nas atividades de grupo, pela natureza da comunicação e interação social desses alunos, pode ser uma barreira significativa, especialmente em um ambiente de aulas coletivas.

Um dos principais desafios enfrentados no processo de inclusão de crianças com TEA está relacionado à atuação do professor, que muitas vezes não se sente suficientemente preparado para lidar com as especificidades dos alunos. Como

apontam Chicon et al. (2016), há uma lacuna significativa na formação inicial e continuada dos docentes no que se refere à educação inclusiva, especialmente no conhecimento de estratégias pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de crianças autistas.

Nesse sentido, é evidente que a falta de preparo compromete a capacidade do professor de identificar as necessidades dos alunos, adaptar o currículo e promover práticas que favoreçam a participação ativa de todos. Garozzi, Chicon e Sá (2021) destacam que, para a escola se constituir como um espaço de pertencimento, é essencial que o educador tenha suporte institucional, formação adequada e sensibilidade para acolher a diversidade, transformando o cotidiano escolar em um ambiente verdadeiramente inclusivo.

Além disso, de acordo com Gehricke et al. (2020), a ausência de reciprocidade na comunicação e as limitações nas condutas simbólicas exigem do educador um olhar atento e estratégias diferenciadas para garantir a compreensão mútua e a construção de vínculos. Diante disso, o papel do professor vai além da simples transmissão de conteúdo: ele se torna um mediador das relações sociais e um facilitador da aprendizagem. Contudo, sem o devido apoio das políticas públicas, como formação continuada, tempo para planejamento e estrutura adequada, esse papel se torna ainda mais complexo, gerando inseguranças e limitações no alcance de uma prática verdadeiramente inclusiva.

A questão não se limita apenas à adequação de recursos e brinquedos, mas à capacidade do educador de perceber as nuances do comportamento de cada criança, adaptando suas estratégias conforme as reações e necessidades observadas. O foco, portanto, não deve ser apenas a execução de atividades físicas, mas um ambiente que ofereça segurança emocional e sensorial, minimizando estímulos excessivos ou inesperados que possam gerar desconforto. Isso implica um olhar mais atento ao processo de socialização da criança com TEA, onde a interação não ocorre de forma espontânea como nas demais crianças, exigindo do educador uma abordagem sensível e assertiva na mediação dessas interações.

Por fim, esses esforços para adaptar o ensino físico envolve, ainda, a criação de um espaço que favoreça o uso de recursos variados, como brinquedos, jogos e circuitos sensoriais, que não só estimulam as habilidades motoras, mas também incentivam a exploração social, sem forçar a criança a interagir de maneira que a sobrecarregue.

4.2. O Papel Da Ludicidade No Desenvolvimento Integral Das Crianças Com TEA

No contexto da Educação Física, o uso do lúdico vai além de ser apenas uma ferramenta de ensino; ele se torna um ponto de contato essencial para a expressão emocional e social das crianças com TEA. As brincadeiras e jogos estruturados, quando aplicados de forma cuidadosa e planejada, permitem que essas crianças interajam de maneira não-verbal com seus colegas, proporcionando um ambiente mais acolhedor e inclusivo. O lúdico funciona como uma "ponte" entre o mundo interno da criança e o contexto social, uma vez que as brincadeiras oferecem uma linguagem que, muitas vezes, é mais acessível para a criança com TEA do que a comunicação verbal.

O lúdico, conforme apontam Aguiar e Guisso (2020), desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e físico de crianças autistas, pois as brincadeiras proporcionam não apenas diversão e bem-estar, mas também a transmissão de informações e conhecimentos. Através do ludismo, os alunos assimilam valores, imitam comportamentos e exploram diferentes áreas do conhecimento. Além disso, ao integrar atividades físicas, o lúdico contribui para o aprimoramento das habilidades motoras, promovendo um desenvolvimento mais amplo e significativo.

Conforme discutido por Caetano e Gomes (2021), o lúdico constitui um recurso pedagógico essencial para o processo de aprendizagem, pois permite ao professor compreender o estágio de desenvolvimento de cada estudante, favorecendo intervenções que considerem tanto os aspectos cognitivos quanto afetivos. No contexto educacional, o brincar possibilita a criação de vínculos, a construção do conhecimento e a ampliação das experiências, tornando-se um ponto de partida eficaz para promover novas aquisições no percurso formativo da criança.

O brincar, como apontam Caetano e Gomes (2021), não é apenas uma atividade recreativa, mas uma necessidade humana fundamental, que envolve o corpo, a mente e as emoções. O professor, nesse contexto, precisa reconhecer sua própria dimensão lúdica e investir em uma prática pedagógica sensível e reflexiva, que valorize as experiências corporais e o potencial criativo dos alunos.

Assim, a Educação Física torna-se um espaço de construção coletiva, onde todos podem participar e se desenvolver integralmente. Diante disso, torna-se fundamental

que o professor explore e desenvolva sua própria dimensão lúdica, considerando sua trajetória cultural e experiência pedagógica. Dessa forma, será possível aprimorar sua prática docente e proporcionar um ambiente de aprendizado mais dinâmico e inclusivo.

No entanto, para que o lúdico seja realmente eficaz, ele precisa ser adaptado para as particularidades do aluno com TEA. Como observado por Aguiar e Guisso (2020), a integração do lúdico não deve ser uma tentativa de imposição de uma vivência social “padrão”, mas uma adaptação da linguagem de brincadeiras que considere as dificuldades de interação social das crianças autistas.

Para que o lúdico seja um veículo de aprendizagem efetivo, é necessário que o educador tenha uma compreensão aprofundada das preferências e limitações da criança, de modo a construir um ambiente seguro e estimulante para a aprendizagem. Ao oferecer oportunidades para a criança explorar o espaço, os materiais e as interações, sem a pressão de resultados imediatos, o educador promove um ambiente de confiança e aceitação, essencial para que o aluno com TEA se sinta confortável em participar.

4.3. Estratégias De Ensino, Métodos Pedagógicos Na Educação Física e a Participação Da Família

A utilização de métodos pedagógicos específicos e ajustados à realidade do aluno com TEA é um dos pilares para o sucesso da educação inclusiva. Métodos como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), e o método TEACCH, que se baseiam em intervenções estruturadas, permitem que o ensino seja mais eficaz ao considerar as necessidades cognitivas e comportamentais dos alunos (Haghighi et al., 2023). Essas abordagens ajudam a criar uma rotina previsível, essencial para crianças com TEA, e permitem o uso de reforços que incentivam comportamentos desejáveis de maneira gradual e natural.

Contudo, essas metodologias precisam ser implementadas de forma contextualizada, levando em conta a realidade de cada aluno e a educação física escolar no qual está inserido. Não se trata apenas de aplicar uma técnica, mas de saber quando e como adaptá-la ao momento da aula. Para isso, a colaboração constante entre educadores, terapeutas e famílias é fundamental. A comunicação

entre a escola e a família garante que as estratégias pedagógicas sejam continuadas em casa, proporcionando um reforço contínuo ao aprendizado e ao desenvolvimento da criança.

Conforme apontado por Fiorini e Manzini (2016), compreender as experiências e rotinas da criança fora da educação física escolar permite ao professor elaborar atividades mais significativas e integradoras. Além disso, a comunicação constante com os responsáveis possibilita um alinhamento das práticas pedagógicas e terapêuticas, promovendo maior previsibilidade, segurança e engajamento por parte da criança.

A participação da família, em especial, pode ajudar a superar a resistência que algumas crianças com TEA apresentam em atividades físicas. Ao envolver os pais, é possível obter uma visão mais clara das preferências e aversões da criança, o que pode ser crucial na escolha das atividades e na adaptação das dinâmicas propostas. A parceria entre escola e família fortalece os vínculos afetivos e amplia as possibilidades de intervenção pedagógica, permitindo que os professores compreendam melhor os contextos vividos pelas crianças fora da educação física escolar (Oliveira & Strohschoen, 2019)

Diante disso, a família pode ajudar a reforçar os comportamentos aprendidos nas aulas, seja por meio de reforços em casa ou simplesmente oferecendo um ambiente mais calmo e controlado, que favoreça o desenvolvimento sensorial e comportamental da criança. Esse trabalho conjunto é essencial não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para a inclusão social plena da criança com TEA na educação física escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi revelado que a educação inclusiva tem avançado de maneira significativa, mas ainda enfrenta desafios importantes, principalmente no que diz respeito à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A necessidade de uma abordagem mais flexível e adaptada nas aulas de Educação Física é evidente, pois a participação plena dessas crianças nas atividades físicas escolares depende da capacidade do educador de criar um ambiente acolhedor e que respeite suas limitações e ritmos individuais.

A revisão da literatura revelou que, apesar das dificuldades, a inclusão de crianças com TEA nas aulas de Educação Física traz benefícios fundamentais para o seu desenvolvimento motor, social e emocional. Estratégias lúdicas, que incluem o uso de jogos e brincadeiras adaptadas, têm se mostrado ferramentas eficazes na promoção da interação social e no aprimoramento das habilidades motoras desses alunos, além de favorecerem uma educação física escolar mais inclusivo e empático.

No entanto, a efetividade dessas estratégias depende diretamente da formação contínua dos professores e da adequação da infraestrutura escolar. A falta de recursos, de ambientes adequados e de uma preparação específica por parte dos educadores ainda são barreiras que comprometem a implementação total da educação inclusiva. Por isso, torna-se imprescindível que os profissionais da Educação Física busquem aprimorar seus conhecimentos sobre o TEA e as abordagens pedagógicas que podem ser aplicadas nas aulas, para que todas as crianças, independentemente das suas dificuldades, possam se desenvolver de maneira plena e integral.

Por fim, é necessário que políticas públicas sejam criadas ou aprimoradas para garantir que as escolas tenham os recursos necessários para a inclusão, com ênfase na capacitação dos professores e no suporte institucional. A Educação Física, quando bem adaptada e planejada, tem o poder de promover o desenvolvimento não apenas físico, mas também social e emocional de crianças com TEA, permitindo sua inclusão plena na sociedade.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. C. G. de. GUISSO, L. F. A importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem da Educação Infantil: um estudo de caso em Presidente Kennedy-ES. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 05, Vol. 13, pp. 69-110. Maio de 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.

BRASIL. Ministério da Educação – **Secretaria de Educação Especial. Inclusão.**

Brasília, DF: MEC, SEESP, 2003. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=64&Itemid=194>. Acesso em set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar: Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão.** Brasília, 2024.

Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/matriculas-na-educacao-especial-chegam-a-mais-de-1-7-milhao>. Acesso em: out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação para autistas.** Portal do Mec. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/38701>. Acesso em set. 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência.** Brasília: CORDE; 1996.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 13.146**, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf. Acesso em: out. 2024.

CAETANO, U. da S.; GOMES, M. de O. Intervenções lúdicas inclusivas: possibilidades e dificuldades de interação e comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) em aulas de Educação Física Infantil. **Momento: diálogos em educação**, v. 30, n. 01, p. 284-303, jan./abr. 2021. E-ISSN 2316-3100.

CDC. **Centers for Disease Control and Prevention. Data and Statistics on Autism Spectrum Disorder.** EUA, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html>. Acesso em: set. 2024.

CHICON, J. F.; ROCHA, J. P.; RODRIGUES, L. M.; SÁ, M. G. C. S. de; ESTEVÃO, A. **Organização de ambientes de aprendizagem na perspectiva da inclusão.** In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL; SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA**, 5.; 15., 2016, Vitória. *Anais...* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

CORDEIRO, A.M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v.34, p.428-431, 2007.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Strategies for the participation of students with autistic spectrum disorder in physical education classes. **Revista Teias [online]**,

vol.22, n.66, pp.124-137. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php-03052021000300124&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em: out. 2024.

GAROZZI, G. V.; CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C. S. de. Educação física escolar e inclusão: o que dizem os estudos? **Brazilian Journal of Science and Movement**, v. 29, n. 3, 2021.

HAGHIGHI, A. H.; BROUGHANI, S.; ASKARI, R.; SHAHRABADI, H.; SOUZA, D.; GENTIL, P. **Combined Physical Training Strategies Improve Physical Fitness, Behavior, and Social Skills of Autistic Children**. J Autism Dev Disord. 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36083392/>. Acesso em: out. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

OLIVEIRA, A. M. de; STROHSCHOEN, A. A. G. A importância da ludicidade para inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 11, n. 23, p. 127–139, jan./abr. 2019.

TOKARNIA, M. (2019, janeiro 31). **Cresce o número de estudantes com necessidades especiais**. Agência Brasil, Educação. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-01/cresce-o-numero-de-estudantescom-necessidades-especiais>.

WHO. **World Health Organization. Autism.** EUA, 2023. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders?gad_source=1&gclid=EAlaIqObChMloZrEu5eUiQMVSr2tBh2T4iaKEAAYASAAEglS-_D_BwE. Acesso em: out. 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, por nos conceder força, sabedoria e coragem nos momentos em que pensamos em desistir. Sua presença foi nosso sustento em cada etapa dessa trajetória.

Agradecemos à nossa família, em especial aos nossos pais, por todo amor, incentivo e paciência durante essa caminhada. Por nos ensinarem o valor do esforço, da honestidade e da educação. Obrigada por segurarem nossas mãos nos dias difíceis e por nunca deixarem de sonhar junto conosco.

Aos nossos orientadores, pela dedicação, disponibilidade e por acreditarem em nosso potencial, mesmo nos momentos em que nós mesmas duvidamos. Suas orientações foram fundamentais para que este trabalho ganhasse forma e significado.

Aos professores que fizeram parte da nossa formação, por cada ensinamento, exemplo e palavra que marcaram nossa jornada acadêmica.

À instituição que nos acolheu e ofereceu o espaço para nosso crescimento pessoal e profissional, contribuindo significativamente para nossa formação como educadoras.

Aos colegas que compartilharam essa jornada, pelos aprendizados mútuos, pelas conversas, pelos desabafos e pelos momentos de parceria que tornaram o caminho mais leve e significativo. Levamos cada um conosco, com gratidão e carinho.